



UMA HERMENÊUTICA ENTRE CULTO, FUTEBOL E RELIGIÃO: EXPERIÊNCIAS QUE PERPASSAM A COINCIDÊNCIA

A hermeneutics between worship, soccer and religion: experiences that go beyond coincidence

Sandro Santos da Rosa ¹

Resumo:

O trabalho visa identificar – a partir de exploração bibliográfica, artigos e reportagens online – de que modo ações e comportamentos do “mundo da bola” assemelham-se estruturalmente com ações e comportamentos da experiência religiosa eclesial. Para tal, é necessário que se identifique a experiência religiosa não apenas como uma experiência estritamente relacionada a divindades, mas como uma experiência que perpassa toda a expectativa humana em relação à vida e aos acontecimentos dessa. Previamente conclui-se que apesar do comportamento humano relacionado ao futebol independer de dogmatismos eclesiais, ele demonstra – na sua prática – requisitos que podem ser identificados nas mais variadas experiências religiosas formais das igrejas. O canto, a entrada no “templo”, a fé e a esperança na vitória, bem como o luto nas derrotas são exemplos disso. Perder e ganhar é da vida, é do jogo. Romper os limites físicos pela fé e pela esperança na vitória é essencialmente humano, é essencialmente religioso.

Palavras-chave:

Culto. Futebol. Religião.

Abstract:

This paper aims to identify – based on bibliography research, internet articles and reports – how actions and behaviors of the soccer world structurally resemble the ecclesial religious experience actions and behaviors. To do that, there is a necessity to identify the religious experience not only as a strict experience related to divinities, but also related to an experience that goes beyond all human expectation towards life and its events. Previously, it was concluded that although the human behavior related to soccer are not dependent on ecclesiastic dogmas, it demonstrates – in its practice – aspects that are found in a variety of formal religious experiences of churches. The singing, the stepping into the “temple”, the faith and hope in the victory, as well as the mourning because of defeat are examples of this. To lose and to win are part of life and of the game. To break the physical limits for the hope and faith in the victory is essentially human and essentially religious.

¹ Doutorando em Teologia – Mestre em Teologia – Bacharel em Musicoterapia – Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Brasil. Bolsista CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Doctorate student in theology – Master in theology – graduated in musictherapy. Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Brazil. Scholarship recipient supported by CAPES. E-mail: sandromusik@hotmail.com

Keywords:

Worship. Soccer. Religion.

Apresentação

Para delimitar o conteúdo a ser explorado, o presente escrito ater-se-á na insinuação de que as ações no “mundo da bola” assemelham-se estruturalmente com a experiência religiosa. Apesar das ações e do comportamento humano relacionado ao futebol independerem de dogmatismos², demonstram na sua prática alguns requisitos que podem ser identificados nas mais variadas experiências religiosas formais, das igrejas. Para que se possa fazer uma reflexão que compare comportamentos de culto religioso e aspectos a eles implícitos, com os de torcedores futebolísticos, por exemplo, é necessário que seja definido o que aqui se compreende por experiência religiosa. Outrossim, é necessário a delimitação do que aqui se compreende por religião.

Definições acerca da religião

Sobre a religião, é complicada a obtenção de uma definição que abranja tudo o que já foi concebido como sendo algo religioso. Numa perspectiva geral, poder-se-ia pensar religião como aquilo que é projetado para além dos limites abarcados pelos poderes do ser humano, de agir ou poder agir, em que tais poderes (humanos) são impotentes, sendo o modo de ação daquilo que se projeta, misterioso e imperscrutável.³ É a partir dessa concepção geral que se coloca a ideia do sagrado. Tanto Mircea Eliade, principalmente em sua obra o “*Profano e o sagrado*”, quanto Rudolf Otto, em sua obra “*O sagrado*”, propunham que o sagrado é inteiramente outro. Uma força que engendra sentimentos de espanto, quase de temor, mas por outro lado tem um poder de atração ao qual é difícil resistir.⁴

Rudolf Otto chamou de numinoso “a consciência do *mysterium tremendum*, que é algo misterioso e terrível que inspira temor e veneração; essa consciência seria a base da experiência religiosa da humanidade”.⁵ Para Otto, o sagrado, o numinoso, é um elemento que está vivo em todas as religiões, porém, quando o autor trata do numinoso, do sagrado, ele não está falando de algo necessariamente “bom” ou do “bem” como tradicionalmente foi edificando-se no âmbito eclesiástico cristão. O sagrado, o numinoso, faz parte de uma categoria que é “totalmente *sui generis*”.⁶ Enquanto dado fundamental e primordial, “esta categoria não é definível em sentido

² Há que se identificar que no futebol, apesar de existirem regras normativas institucionais provindas de federações e confederações, as ações não precedem de uma doutrina estabelecida que represente ou assemelhe-se à Igreja como instituição normativa, leia-se, que estipula a liturgia, o rito a ser seguido dogmaticamente.

³ ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Traduzido por Alfredo Bosi. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 997.

⁴ GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 19.

⁵ ABBAGNAMO, 2000, p. 840.

⁶ Na concepção escolástica essa expressão era empregada para referir-se a algo que é medido por alguma coisa do mesmo gênero. Único. Peculiar. ABBAGNAMO, 2000. p. 1096.

rigoroso, apenas pode ser discutida”.⁷ Somente poder-se-á percebê-la mediante a exposição do ser humano àquele ponto da sua própria psique, onde então, a categoria do sagrado surgirá e se tornará consciência. Aqui, Otto refere-se ao acesso daquilo que se considera como experiência religiosa que “não é ensinável em sentido estrito, mas apenas estimulável, despertável – como tudo aquilo que provém ‘do espírito’”.⁸

Mircea Eliade lamenta não ter à disposição uma palavra mais precisa que religião para designar a experiência do sagrado. Porém, conscientiza-se de que é tarde para procurar outra palavra que substitua o termo religião, que:

Pode continuar a ser um termo útil desde que não esqueçamos de que ela não implica necessariamente a crença em Deus, deuses ou fantasmas, mas que se refere à experiência do sagrado e, conseqüentemente, se encontra relacionada com as ideias de “*ser, sentido e verdade*”.⁹

Futebol e religiosidade

Para que não exista confusão entre termos, nesta reflexão, é necessário distinguir a palavra *religiosa(o)* de *religiosidade*. Uma pessoa religiosa é aquela que “tem religião (...); aquela que professa uma religião; (...) aquela que teme a Deus e procura fazer sua vontade”,¹⁰ enquanto a palavra religiosidade refere-se à “qualidade de religioso, disposição ou tendências religiosas, escrúpulo religioso”.¹¹

Com cuidado para não simplificar e postular que um jogo de futebol é um culto religioso em si, mas – sim – postular que é um semelhante ao culto¹², constata-se que no “mundo futebolístico” existem comportamentos relacionados à religiosidade, como: *fé* e *esperança* na vitória apesar das evidentes dificuldades do jogo; *cantos* e *coreografias* para “empurrar” o time (toda a comunidade) à “*glória*”. Evidentemente esses são componentes essenciais da experiência religiosa. Em outros termos, são elementos que se referem à *re-significação*, *transcendência* ou *trans-significação do real*. Esse último é um termo empregado por José Severino Croatto e parece ser a junção dos dois primeiros.¹³ Os comportamentos e/ou elementos elencados (fé, esperança, canto, coreografia) unem pessoas (até mesmo desconhecidas) num mesmo querer, numa mesma paixão, independentemente de etnia, classe social, concepção política ou *crença religiosa*. Com isso, é plausível a afirmação de que os comportamentos das pessoas que fazem parte do enredo do futebol trazem consigo elementos religiosos que não necessariamente provêm de uma religião ou crença, e sim, fazem parte de uma “experiência religiosa” – de uma religiosidade – lembrando Eliade: “[...] desde que não esqueçamos de que ela [a religião] não implica necessariamente a crença em Deus, deuses ou fantasmas [...]”.¹⁴

⁷ OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Traduzido por Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007. p. 38.

⁸ OTTO, 2007, p. 38.

⁹ ELIADE, Mircea. *Origens: história e sentido na religião*. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 09.

¹⁰ MICHAELIS. *Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008, p. 745.

¹¹ MICHAELIS, 2008, p. 745.

¹² Os torcedores reúnem-se num lugar, numa só voz, gritam e oram pedindo que seus desejos, relacionados ao jogo, aconteçam.

¹³ CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 09.

¹⁴ ELIADE, 1989, p. 09.

Severino Croatto, na introdução de sua obra “*As linguagens da experiência religiosa*”, escreve que:

Todas as culturas e todos os povos tiveram e têm uma expressão religiosa [...], manifestações religiosas que têm seu veículo na simbologia, na linguagem, na literatura, na arte, em rituais variadíssimos, nos corpos doutrinários, nos modelos de vida.¹⁵

Para explicitar os veículos referidos por Croatto, seguirá um resumo do enredo semiológico no qual a religiosidade do ser humano navega: a *linguagem*, o *erótico-amor* e a *arte*.

- 1) A linguagem é sua evidência mais frequente; e são mais simbólicas as linguagens poética e lírica;
- 2) Quanto mais profunda é a experiência do amor, mais simbólica é sua expressão;
- 3) A trans-significação do real na arte é outra forma de simbólico.¹⁶

No próximo tópico, evidenciar-se-ão fatos que correspondem, em geral, a uma partida de futebol e também, como os agentes dos fatos apresentam em seus comportamentos, o conteúdo que expressa a experiência religiosa segundo Croatto. Para isso, há que se fazer a distinção terminológica da experiência religiosa formal (da igreja) que se dá pelo culto, liturgia, rito ou ritual.

A experiência religiosa no “mundo” futebolístico

Para que não navegamos em águas desconhecidas, há que se delimitar o que se entende por culto, rito, ritual e liturgia. Quando aqui pensamos no culto religioso, por mais que possa não vir à tona automaticamente os conceitos de liturgia, rito ou ritual, é necessário considerarmos que este geralmente se concretiza por intermédio de “passos” pré-concebidos. Entre os significados¹⁷ para a palavra *culto* estão: “1. Forma pela qual se presta homenagem à divindade; liturgia. 2. A religião; 3. Cerimônias religiosas; 4. Veneração”.¹⁸ Se compreende por *liturgia*: “1. Cerimônias e preces de que se compõe o culto público e oficial de uma igreja; 2. As fórmulas consagradas das orações; 3. Rito; 4. Ciência que trata das cerimônias e ritos da Igreja”.¹⁹ *Rito*, significa: “1. Conjunto de cerimônias e regras de uma religião; 2. Cerimonial próprio de qualquer culto. *Rito de iniciação, Sociol*: cerimônias, de caráter religioso ou não, realizadas na admissão de um indivíduo a uma sociedade ou associação”,²⁰ e por fim, se entende por *ritual*: “Pertencente ou relativo aos ritos. *sm* 1. Livro que contém os ritos de uma religião; 2. Etiqueta, praxe, protocolo, cerimonial”.²¹

A partir disso objetiva-se afirmar que a interação do ser humano com a prática futebolística é tomada pela experiência e linguagem religiosa. Evidencia-se essa interação quando, *apologeticamente*, as pessoas se reúnem no estádio/templo em esperança por um único objetivo, a vitória do seu time do coração. Para tal, existe uma série de “passos” a serem seguidos. O jogo tem início meio e fim. Não existe partida oficial em que os times não se posicionem para entoarem

¹⁵ CROATTO, 2001, p. 09.

¹⁶ CROATTO, 2001, p. 84.

¹⁷ Buscou-se os significados em dicionário comum para evitar conceituações de cunho confessional.

¹⁸ MICHAELIS, 2008, p. 244-245.

¹⁹ MICHAELIS, 2008, p. 536.

²⁰ MICHAELIS, 2008, p. 759.

²¹ MICHAELIS, 2008, p. 759.

algum hino, que pode ser nacional, estadual ou municipal. Desde a entrada ao gramado existe uma determinação (jogadores entram lado a lado). Os torcedores entoam canções específicas para cada momento da partida. A seguir, uma reportagem na qual evidencia-se a ritualização como forma de torcer:

As torcidas uniformizadas do Corinthians estão distribuindo, via redes sociais na internet, um roteiro do que será cantado no estádio do Pacaembu, nesta quarta-feira, quando o time enfrentar a equipe do Vasco da Gama. A ideia é a de entoar cantos ao mesmo tempo numa só voz. Antes da partida, logo depois da entrada do time do técnico Tite em campo, a turma começa com “Vamos jogar com raça...”. Na sequência, durante a execução do Hino Nacional Brasileiro, as torcidas vão fazer o Mosaico da Favela. O ritual continua com os gritos da escalação do time. Com bola rolando, o roteiro está dividido em faixas de cinco minutos. No total, serão 12 músicas. Uma delas é nova e tem o refrão “Vamos, vamos Corinthians e este jogo teremos que ganhar”. Seis torcidas organizadas concordaram em tentar o canto uníssono como forma de “ceder o máximo de energia.”²²

Na reportagem aparece a palavra ritual. Isto demonstra o quanto a linguagem religiosa é veiculada no mundo da bola. Ela é usada não apenas no discurso dos boleiros – que frequentemente falam “*graças a Deus*” referindo-se à marcação de um tento, uma boa atuação, vitória ou conquista de título – como também na oração que fazem, seja na entrada do campo da partida ou dentro do mesmo, antes do jogo começar.

Segundo Clodoaldo Gonçalves Leme, do Departamento de Ciências da Religião da PUC de São Paulo, a influência das manifestações religiosas é marcante no futebol brasileiro. “Santinhos”, capelas dentro dos clubes, oração de Ave Maria e Pai Nosso nos vestiários (independente da crença), camisas louvando Jesus e devoções afro-brasileiras invadem os campos de todo Brasil.²³ O autor destaca ainda de como a mídia apropria-se da linguagem religiosa para enfatizar a situação de uma equipe, a exemplo, que se ganhar o título, pode ir aos céus e se perder, ao inferno. Leme afirma que:

As ações diferenciadas, incomuns, de atores do meio futebolístico, são utilizadas pela mídia como elemento de aproximação face ao universo religioso – nesse caso, certas atitudes se tornam “pecados”, certas vitórias “milagres” e certos indivíduos, “santos” (o melhor exemplo é o goleiro do Palmeiras no ano de 1999, quando a equipe conquistou a Copa Libertadores da América: “São” Marcos).²⁴

Contudo, um dos principais componentes religiosos que acontecem no futebol, é o canto entoado pelas torcidas. Como no culto religioso formal, numa partida de futebol o cantar representa aquilo que Rubem Alves elenca como “*A experiência do belo*”. Segundo o autor, a experiência estética e religiosa estão muito próximas, sendo que, a experiência estética não pode ser reduzida à linguagem, pois, o belo é inefável. “O belo não se encontra nem no sujeito e nem no objeto, mas no momento em que a dicotomia que os separava se dissolve. No êxtase estético

²² HIPER NOTÍCIAS. *Torcidas do Corinthians divulgam roteiro para canto único diante do Vasco no Pacaembu*. Terça, 22 de maio de 2012, 16h27. Disponível em:

<http://www.hipernoticias.com.br/TNX/conteudo.php?cid=13727&sid=188>. Acesso em: 26 de julho de 2012.

²³ LEME, Clodoaldo Gonçalves. “*É Gol! Deus é 10 - A religiosidade no futebol profissional paulista e a sociedade de risco*”. Dissertação de mestrado em Ciências da religião, PUC – SP, 2005. Disponível em:

<http://www.listasconfef.org.br/comunicacao/CLODOALDO-mest.pdf>. Acesso em: 26 de julho de 2012.

²⁴ LEME, 2005.

sujeito e objeto se unificam numa mesma estrutura significativa”.²⁵ No torcer, no cantar, a torcida se une à equipe na busca pela vitória e consequente glória da *communitas*.

Considerações finais

Com a finalidade de instigar pesquisas que exponham as entrelinhas que envolvem o conteúdo religioso e o “mundo” futebolístico, como experiência religiosa de trans-significação do real, se conclui que são infindáveis (por ser fenômeno vivo) as relações envolvendo a religião e a prática do futebol como fenômeno social que transcende as leis físicas, pela linguagem, pelos símbolos e pela paixão.

Aquilo que cada indivíduo define ser sua fé corriqueiramente não está reclusa aos templos religiosos. Alastra-se aos “templos” esportivos evocando paixões onde o grito de gol pode ser representação do êxtase inefável da existência. Entrementes, o canto, a entrada no “templo”, a fé e a esperança na vitória, bem como o luto nas derrotas, são exemplos de aspectos que permeiam tanto o culto humano a um time ou jogador de futebol quanto o culto a um Deus ou entidade.

Tal como a religião, o futebol também é considerado um “ópio” na consideração de alguns intelectuais de esquerda, por desviarem a “massa” do espírito revolucionário.²⁶ Isso é um indício de como futebol e religião, apesar de serem suportes existenciais da “massa”, ainda são encarados como algo semelhante à política romana do “Pão e circo”: comida e divertimento, e o resto que se exploda! Política, para quê?

Entretanto, o que veio antes, o ovo ou a galinha? Um sistema combalido ou o futebol? Se o ser humano não consegue ter “fé” no sistema político-jurídico-econômico, pode ele ter “fé” em práticas “ludibriantes” como religião e futebol que, ao menos, afagam o sofrimento existencial?

Referências

ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Traduzido por Alfredo Bosi. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2007.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

ELIADE, Mircea. *Origens: história e sentido na religião*. Lisboa: Edições 70, 1989.

²⁵ ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2007. p. 144.

²⁶ ROHDEN, Luiz. Filosofia em jogo no futebol arte. IN: ROHDEN, Luiz; AZEVEDO, Marco Antonio; AZAMBUJA, Celso Cândido de (Orgs.). *Filosofia e Futebol: troca de passes*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 175.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HIPER NOTÍCIAS. *Torcidas do Corinthians divulgam roteiro para canto único diante do Vasco no Pacaembu*. Terça, 22 de maio de 2012, 16h27. Disponível em: <http://www.hipernoticias.com.br/TNX/conteudo.php?cid=13727&sid=188>. Acesso em: 26 de julho de 2012

LEME, Clodoaldo Gonçalves. *“É Gol! Deus é 10 - A religiosidade no futebol profissional paulista e a sociedade de risco*. Dissertação de mestrado em Ciências da religião, PUC – SP, 2005. Disponível em: <http://www.listasconfef.org.br/comunicacao/CLODOALDO-mest.pdf>. Acesso em: 26 de julho de 2012.

MICHAELIS. *Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Traduzido por Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

ROHDEN, Luiz. *Filosofia em jogo no futebol arte*. IN: ROHDEN, Luiz; AZEVEDO, Marco Antonio; AZAMBUJA, Celso Cândido de (Orgs.). *Filosofia e Futebol: troca de passes*. Porto Alegre: Sulina, 2012.